

A INSERÇÃO DOS JOVENS NO MERCADO DE TRABALHO A PARTIR DAS DIFERENTES MODALIDADES DE TRABALHO PRESENTES EM TERESINA.

Aline Raquel Sousa Brandão (Bolsista do PIBIC/ CNPq), Maria D'Alva Macedo Ferreira (Orientadora Depto. de Serviço Social - UFPI)

A pesquisa “Juventude, Trabalho, Políticas Públicas na cidade de Teresina”, coordenado pela Prof^a.Dr^a. Maria D'Alva Macedo Ferreira do Departamento de Serviço Social e do Mestrado em Políticas Públicas do Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL da Universidade Federal do Piauí – UFPI, iniciada em 2007 vem apresentando resultados bastante positivos que demonstram o valor que o trabalho possui na vida dos jovens.

O segmento juvenil compreendido o trabalho como uma maneira de construir a sua identidade e viabilizar sua auto-realização. “O Trabalho mostra-se, então, como momento fundante de realização do ser social, condição para sua existência, é, por isso, ponto de partida para a humanização do ser social” (ANTUNES 2005, p.68)

No intuito de aprofundar a compreensão da realidade vivida pelo segmento juvenil em relação ao tema, o eixo “*A inserção dos jovens no mercado de trabalho a partir das diferentes modalidades de trabalho presentes em Teresina*” pretende perceber de que forma os jovens estão buscando se capacitar tendo em vista as inúmeras exigências impostas pela sociedade capitalista contemporânea e seu modelo ideal de profissional, perceber ainda que alternativas a juventude tem projetado na tentativa de contornar o desemprego, adquirir sua independência, obter renda, se inserir e se manter no mercado de trabalho mediante a todas essas dificuldades que se apresentam como obstáculos.

Procurando desta forma, apreender também como os jovens, que vivenciam o trabalho informal e precário, se enxergam mediante às atuais transformações no âmbito do trabalho, bem como identificar suas percepções entorno das relações de emprego X desemprego. Diante disso, no intuito de aprofundar o debate sobre os temas em estudo, foram feitas leituras de autores clássicos e contemporâneos que trazem em seus textos discussões em torno de questões como trabalho e juventude. Foram realizadas entrevistas e oficinas com jovens entre 15 a 29 anos que freqüentam os cursos profissionalizantes ofertados pelo Centro de Referência da Cultura Hip Hop e pelo Projeto Movimento Pela Paz na Periferia (MP3).

Realizamos ainda visitas ao Sistema Nacional de Emprego (SINE) onde obtemos dados do número de jovens piauienses credenciados na instituição a quantidade deles que haviam sido empregados, quais ainda estavam a espera de uma oportunidade entre outras informações, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) que não pode nos ajudar e a Secretaria Municipal da Juventude (SEMJUV) na oportunidade foi feita uma entrevista onde nos foi repassado o histórico da secretaria, os objetivos e os principais programas e projetos voltados para o público jovem.

Houve a participação em eventos que enriqueceram a discussão acerca do trabalho e do seguimento juvenil. Cabe então ressaltar a participação na III Jornada do Departamento de Serviço Social da UFPI em novembro de 2009 e no IV Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira (JUBRA) ocorrido na PUC Minas em junho de 2010, em ambos foram apresentados trabalho na forma de comunicação oral, nos permitindo divulgar os resultados da pesquisa.

Pode-se perceber no decorrer das oficinas que os jovens estão constantemente buscando estratégias diversas para se qualificar e garantir um emprego estável, seja através de cursos profissionalizantes, como de computação ofertado no Projeto MP3, ou através da cultura, como o Hip Hop. Para os jovens concluir os estudos, não só o ensino médio como também o superior, e se qualificar é a maneira mais racional de se estabilizar no mundo do trabalho.

O trabalho formal se tornou cada vez mais inconstante e de difícil acesso principalmente por parte dos segmentos juvenis, porém são crescentes as formas heterogêneas de emprego tornando o mercado cada vez mais misto e repleto de jovens profissionais que se mostram capazes de criar, tomar iniciativas e de transformar vivências cotidianas e prazerosas em formas de sobrevivência, buscando novos espaços e atividades que são moldadas para se conseguir ganhar a vida.

É expressivo o número de jovens que desenvolvem atividades laborais sem contrato e sem acesso aos direitos assegurados, confirmando a crescente informalidade e a concepção desta como meio de trabalho alternativo e autônomo das relações sociais capitalistas.

Os jovens participantes das oficinas feitas no Centro de referência vêm na cultura Hip Hop, seja no Grafite ou na discografia, uma forma de conciliar o que gostam de fazer e a possibilidade de se conseguir uma renda a partir disso. Nesse contexto o trabalho se desvincula da idéia de labor, de castigo, obrigação e passa a representar uma atividade prazerosa, de construção e expressão de identidade.

Os jovens demonstram suas múltiplas dimensões do trabalho, ao colocarem a questão da cultura como forma de expressar seus sentimentos, construir sua identidade e também um meio de sobrevivência o que envolve a valorização da arte que é um produto a ser vendido, o que dá idéia que para eles a arte assim como o trabalho representa uma forma de possuir status social, conciliar os dois é a maneira mais cabível de fazer o que lhe proporciona prazer, diversão e garanta a renda.

É perceptível o entrelaçamento que há no cotidiano desses jovens participantes da pesquisa entre o trabalho e o lazer. Já que as atividades desenvolvidas nas oficinas (Grafite, discografia...) também são vista por eles como possibilidades de lazer e diversão.

De acordo com Erivã Velasco (2006) as constantes transformações societárias na ordem mundial capitalista tem acarretado nos jovens uma situação de vulnerabilidade social, no entanto a autora deixa claro que a juventude cada vez mais se mostra capaz não só de criar, como também de recriar, suas formas de inserção e participação social.

Esses jovens aventuram-se nas incertezas do trabalho precário procurando modos de inserção profissional e de ganhar dinheiro para suprirem, minimamente, suas necessidades básicas, no entanto, não os reconhece como precário, pois em nenhum momento destacou a ausência de valorização e visibilidade social, de mercado, de contrato como elemento “negativo” para a realização do que fazem. Foi possível observar que os jovens encaram seu trabalho de forma séria, até porque é essa sua fonte de renda. Os entrevistados gostam do que fazem e a maioria pretendem continuar nessa atividade por acreditar que trabalhar com o Grafite, a discografia em Teresina é algo promissor. Pais (2001) reflete que “Na luta pela sobrevivência, inventam-se [os jovens] formas atípicas de ganhar dinheiro, não necessariamente associadas a ‘identidades negativas’” (p 16). Esta afirmação do autor confirma a análise desenvolvida sobre a experiência dos jovens entrevistados, pois apesar

de ser um trabalho precário, não está associado a identidades negativas, comumente encontradas em alguns trabalhos desenvolvidos por jovens, como o tráfico de drogas, a prostituição, entre outros. Uma das grandes preocupações dos jovens tem sido sem dúvida, a inserção no mercado de trabalho. O grande objetivo da maioria é conseguir um trabalho que defina sua independência dos pais, para assim assumir responsabilidades e obrigações, como pagar as próprias contas. Dessa forma, parcelas significativas dos jovens se submetem a empregos precários esperando que estes os encaminhem à melhores postos de trabalho no futuro.

É nesses cursos profissionalizantes que os jovens de classe baixa encontram esperança de se capacitar e vim a conseguir algum trabalho que possa garantir seu futuro profissional. Alguns recorrem as formas alternativas de trabalho distintas do trabalho formal, alternativas de trabalho estas que não estão inseridos na lógica da formalidade, sendo algumas delas o Grafite e a Discografia. Como assegurada pelos jovens é uma forma conciliar o que gostam de fazer e o meio de se obter alguma renda. No entanto, por mais que tentem se desvincular da lógica capitalista, a sociedade em que vivemos não permite, daí necessidades citada por esses jovens de não medir esforços para ter o reconhecimento social e financeiro das atividades realizadas por eles.

A maioria dessas formas alternativas de trabalho não possui consistência e ainda não estão solidificadas no mercado de trabalho, sendo exercidos de forma precária e sem nenhuma garantia trabalhista. No entanto os jovens enxergam no exercício desses tipos de atividades a possibilidade de produzir e recriar suas identidades, além de satisfação pessoal por exercer aqui que gostam e que lhes dá prazer, sendo o trabalho não visto mais como um labor, apesar de estarem ciente do fato de ser um trabalho sem grande mercado e sem grande chance de ascensão profissional e financeiro.

Como relatado por eles essas são características da maioria das profissões do campo do trabalho, cabe ao profissional se qualificar está em constante atualização e se esforça para ser o melhor, o que torna as novas alternativas de trabalho sendo elas das mais diversas natureza semelhantes as profissões reconhecidas socialmente

Palavras-chave: Juventude. Desemprego. Trabalho-alternativo.

Referências:

ANTUNES, Ricardo. **O Caracol e sua Concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

BRANDÃO, Aline. **Juventude e Trabalho na cidade de Teresina**. Projeto de Pesquisa, PIBIC, 2009.

FERREIRA, Maria D´Alva. **Juventude, Trabalho e Políticas Públicas na Cidade de Teresina**. Projeto de Pesquisa, PIBIC, 2009.

PAIS, J.M. Trabalho Precário In **Ganchos, Tachos e Biscates**. Lisboa: Âmbar, 2001.